

INTRODUÇÃO

A Educação Física (EF) deve ser compreendida como manifestação para além de seus aspectos biologicistas (BRASIL, 1998), fazendo uso da Cultura Corporal de Movimento como forma de linguagem e expressão, com a finalidade de representar e respeitar os mais diversos contextos socioculturais e pluralidades com a tarefa de formação de indivíduos que sejam capazes de refletir sobre o que é feito de forma a produzir, reproduzir e transformar os conteúdos contribuindo para a qualidade de vida e formação integral dos mesmos (CUPOLILLO, 2012; BETTI; ZULIANI, 2002; SILVEIRA; PINTO, 2001; ESCOBAR, 1995). Além disso, através de práticas corporais, a EF deve contribuir para o desenvolvimento motor e cognitivo, encontrando e corrigindo possíveis deficiências, na tentativa de superá-las (COSTA, 2014). Sob essa ótica, surge a Equoterapia como uma alternativa de intervenção que auxilia no tratamento dessas deficiências e inclusão social (MAIA *et al.*, 2004).

A Equoterapia é um método terapêutico e educacional regulamentado pela ANDE-BRASIL que concede ao cavalo o título de agente colaborador, utilizando-o dentro de uma abordagem interdisciplinar das áreas de equitação, saúde e educação (PEREIRA; LOPES; FIGUEIREDO, 2015; BRASIL, 2011). Tal método corresponde a um conjunto de técnicas que possuem em sua forma de intervenção a intencionalidade de superar danos motores, sensoriais, cognitivos e comportamentais, através de atividades lúdico-desportivas, visando a inserção social de praticantes com diversas condições clínicas, dentre as quais encontramos o autismo (CITTERIO, 1991).

O Transtorno do Espectro Autista, também conhecido como autismo, possui diferentes graus de severidade e múltiplas etiologias, sendo caracterizado por meio de um desenvolvimento complexo, apresentando diferentes padrões comportamentais, que podem ser repetitivos e estereotipados, com déficits qualitativos na interação social e comunicação, além de um repertório restrito de interesses e atividades rotineiras (MECCA *et al.*, 2011; GADIA, TUCHMAN, ROTTA, 2004).

Em vista do que foi mencionado, pode a Cultura Corporal do Movimento e as práticas equoterápicas auxiliarem na autonomia e inclusão social de alunos-praticantes com Transtorno do Espectro Autista?

OBJETIVO E JUSTIFICATIVA

O presente estudo objetiva observar de que forma a Cultura Corporal de Movimento e as práticas equoterápicas podem contribuir no desenvolvimento social e na autonomia de alunos-praticantes com autismo. Vale ressaltar que este estudo é de suma importância para compreender a influência de tais práticas no auxílio de novas formas de comunicação, socialização, autoconfiança e autoestima dos alunos-praticantes (FREIRE; ANDRADE; MOTTI, 2005).

METODOLOGIA

Com aprovação do Comitê de Ética da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), nº724/2016 adotou-se o método de pesquisa ação com intervenções práticas realizadas no Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente (CAIC) Paulo Darcoso Filho, em Seropédica/RJ. Tais intervenções ocorreram por intermédio de profissionais e graduandos em Educação Física, auxiliados por colaboradores das áreas de Psicologia, Fisioterapia, Zootecnia e Medicina Veterinária da UFRRJ. Participaram desta pesquisa 3 (três) alunos que possuíam indicação e autorização médica, sendo 1 (um) diagnosticado com autismo de grau baixo, 1 (um) diagnosticado com autismo moderado e 1 (um) diagnosticado com autismo severo.

O programa ocorreu durante 12 (doze) encontros semanais, de maneira continuada, sem interrupção do tratamento, tendo sido analisado neste trabalho apenas um intervalo do projeto, que ainda se encontra em andamento, visto que esta terapia auxilia no tratamento médico dos participantes. Durante esses encontros, 30 (trinta) minutos eram dedicadas a cada um dos 3 (três) alunos-praticantes de forma individual, havendo 3 (três) membros da equoterapia para cada aluno, sendo estes: 1) o auxiliar lateral (discente de



Educação Física ou Fisioterapia); 2) O mediador (profissional/discente de Educação Física); 3) O condutor do cavalo (profissional/discente de Zootecnia ou Medicina Veterinária).

As intervenções ocorreram por meio de práticas equoterápicas e atividades que englobavam a Cultura Corporal do Movimento, pelas quais os alunos-praticantes eram expostos ao contato direto com os cavalos, que foram mediadores no processo de interação social e autonomia, buscando alcançar uma complementação no tratamento médico dos mesmos. Os encontros foram divididos em: A) Chegada dos alunos ao Picadeiro do CAIC e início da roda inclusiva que buscava a socialização entre os membros do projeto e as crianças através de atividades de aquecimento e musicalização. B) Condução do cavalo pela guia, aprendendo e reforçando os comandos “parado” e “marche”. C) Montaria, sendo inicialmente feita com participação do auxiliar guia e mediador, adotando a progressão pedagógica para viabilizar que o aluno a executasse de maneira independente. D) Volta à Calma, momento dedicado a restabelecer o estado de repouso para que o aluno retornasse à sala de aula após a sessão de terapia.

A coleta de dados se deu por meio dos relatórios sobre o desenvolvimento motor, afetivo e social de cada aluno-praticante, além de entrevista com seus responsáveis, conversas com os professores e coordenação da escola, complementadas por fotos e vídeos (PEREIRA; LOPES; FIGUEIREDO, 2015).

ANÁLISE E DISCUSSÃO

Os resultados aqui apresentados são decorrentes de observações feitas nos relatórios, entrevistas, conversas, fotos e vídeos sendo correspondentes a aspectos de cunho motor, cognitivo e psicossocial dos alunos quando comparado o intervalo do início do programa até o final das 12 (doze) semanas de intervenção pela perspectiva da equipe (PEREIRA; LOPES; FIGUEIREDO, 2015). Ao decorrer das semanas observou-se que os alunos que participaram das atividades obtiveram avanços consideráveis em suas atividades diárias e de socialização (DUARTE, 2018).

O aluno-praticante com grau de autismo baixo melhorou seu relacionamento interpessoal com os colegas de classe o que favoreceu a sua inserção social, além de adquirir maior coordenação motora e consciência corporal, reduzindo o número de quedas relatadas durante a terapia, indo de frequente para esporádicas até deixarem de existir, proporcionando aumento de sua autonomia (MEDEIROS; DIAS, 2002).

No caso dos alunos-praticantes com autismo moderado e severo, constatou-se avanços consideráveis em suas interações sociais, aumentando a tolerância a pessoas desconhecidas e permanência em ambientes com número grande de sujeitos (DE JESUS et. al, 2018), além de maior controle postural (LERMONTOV, 2004). Essas experiências permitiram que os membros do projeto buscassem alternativas de comunicação através de recursos áudio-visuais, interpretação de sinais de tolerância, intolerância, alegria, estresse etc, devido à verbalização reduzida (aluno-praticante com autismo moderado) e nula (aluno-praticante com autismo severo).

Por esses motivos, os profissionais de EF na Equoterapia precisam se permitir encontrar formas de abordagens de comunicação com os alunos-praticantes, compreendendo suas particularidades e respeitando suas diferenças, a fim de promover uma prática que favoreça a inserção social e autonomia progressiva dos envolvidos nesse processo. (RISKALLA; SABBAG; KUCEK, 2006).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em vista do que foi mencionado, conclui-se que a Cultura Corporal de Movimento aliada à Equoterapia, gera melhoras significativas de aspectos motores, sociais e cognitivos, sendo de fundamental importância para a autonomia e inserção social de alunos-praticantes com Transtorno do Espectro Autista.

Considerou-se como limitação do estudo a quantidade reduzida de alunos, sendo necessária a realização de pesquisas futuras para maior aprofundamento e compreensão da temática abordada.



THE BODY CULTURE OF MOVEMENT AND EQUOTHERAPEUTIC PRACTICES AS A FORM OF AUTONOMY AND SOCIAL INCLUSION OF STUDENTS-PRACTITIONERS WITH AUTISM SPECTRUM DISORDER

ABSTRACT

This work aimed analyze the implications of Movement Body Culture and equotherapeutic practices in the autonomy and inclusion of students with Autism, through practices with mediation of horses. Was observed that the interventions influenced the daily life of the practitioners, concluding that this practice assists in the treatment.

KEYWORDS: *Autistic Disorder; Equine-Assisted Therapy; Movement.*

LA CULTURA CORPORAL DE MOVIMIENTO Y PRÁCTICAS EQUOTERÁPICAS COMO FORMA DE AUTONOMÍA E INCLUSIÓN SOCIAL DE ALUMNOS-PRACTICANTES CON TRASTORNO DEL ESPECTRO AUTISTA

RESUMEN

Este trabajo objetivo analizar las implicaciones de la Cultura Corporal y las prácticas ecoterapéuticas en la autonomía e inclusión de los estudiantes con autismo, a través de prácticas con mediación de caballos. Se observó que las intervenciones influyeron en la vida diaria de los practicantes, concluyendo que esta práctica ayuda en el tratamiento.

PALABRAS CLAVES: *Trastorno Autístico; Terapia Asistida por Caballos; Movimiento.*



REFERÊNCIAS

- CITTERIO, N. D. História da Terapia através do Cavalo na Itália e no Mundo. *Encontro Nacional da Associação Nacional de Equoterapia (ANEq.)*. Anais. Brasília, 1991.
- CUPOLILLO, A. V. et al. *Currículo Mínimo de Educação Física da Rede Estadual do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: cecierj, 2012.
- COSTA, E. C. A. Educação Física nos anos iniciais do ensino fundamental: a aula é proporcionada? Por quem? O que se desenvolve e o que realmente se deve desenvolver? *EFDeportes.com, Revista Digital*. Buenos Aires, n. 190, 2014. <http://www.efdeportes.com/>
- BRASIL, A. *Apostila do Curso Básico de Equoterapia* – Brasília, Agosto, 2011.
- BRASIL, M. E. D., Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais*. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BETTI, M.; ZULIANI, L. R. Educação Física Escolar: Uma Proposta de Diretrizes Pedagógicas. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*, [s.l.], v. 1, n. 1, p.73-81, 2002.
- DE JESUS, L. P. et al. Utilizando a equoterapia como ferramenta psicopedagógica para crianças com necessidades educativas especiais. *Multitemas*, v. 23, n. 55, p. 155-176, 2018.
- DUARTE, L. P. et al. Revisão Bibliográfica dos Benefícios que a Equoterapia Proporciona a Praticantes com Transtorno do Espectro Autista. *Anais do Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão*, v. 10, n. 8, 2018.
- ESCOBAR, M. O. Cultura Corporal Na Escola: Tarefas Da Educação Física. *Motrivivência*, Florianópolis, n.8, p.91-102, Janeiro, 1995.
- FREIRE, H. N.; ANDRADE, P. R.; MOTTI, G. S. Equoterapia como recurso terapêutico no tratamento de crianças autistas. *Multitemas*, Campo Grande-MS, n. 32, p. 55-66, ago. 2005.
- LERMONTOV, T. *Psicomotricidade na equoterapia*. Aparecida, SP: *Idéias e Letras*. 2004.
- MEDEIROS, M. e DIAS, E. *Equoterapia: bases e fundamentos*. Rio de Janeiro: Revinter, 2002.
- PEREIRA, B. N.; LOPES, G. C.; FIGUEIREDO, J. B. Contribuições da Equoterapia para o Processo de Ensino e Aprendizagem dos Praticantes com Síndrome de Asperger. *XII Congresso Nacional de Educação: EDUCERE*, Curitiba, v. 00, n. 00, p.14639-14650, out. 2015.
- RISKALLA, F. T.; SABBAG, B. M.; KUCEK, S. S. Estruturação do Espaço Equoterápico para o Atendimento de Crianças Autistas. Utilização da Comunicação Visual Baseada no Método Teacch. *XII Congresso Brasileiro de Equoterapia*, Brasília, p.260-267, 2006.
- SILVEIRA, G. C.; PINTO, J. F. Educação Física na Perspectiva da Cultura Corporal: Uma Proposta Pedagógica. *Revista Brasileira de Ciências Do Esporte*, Campinas, v.22, n.3, p.137-150, maio, 2001.
- MAIA, M. J. C.; VIEIRA, M. A.; MACHADO, M. M. B. Propostas de atividades lúdicas na equoterapia para estruturação psicomotora no paciente TDAH. In: *Congresso Iberoamericano de Equoterapia; Congresso Brasileiro de Equoterapia*, 3. Cavalo: facilitador da reabilitação humana. Salvador, 2004. Coletânea de trabalhos. Salvador: Associação Nacional de Equoterapia, 2004. p.323.
- MECCA, T. P. et al. Rastreamento de sinais e sintomas de transtornos do espectro do autismo em irmãos. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, v. 33, n. 2, p. 116-120, 2011.
- GADIA, C. A.; TUCHMAN, R.; ROTTA, N. T. Autismo e doenças invasivas de desenvolvimento. *Jornal de pediatria*, v. 80, n. 2, p. 83-94, 2004.

